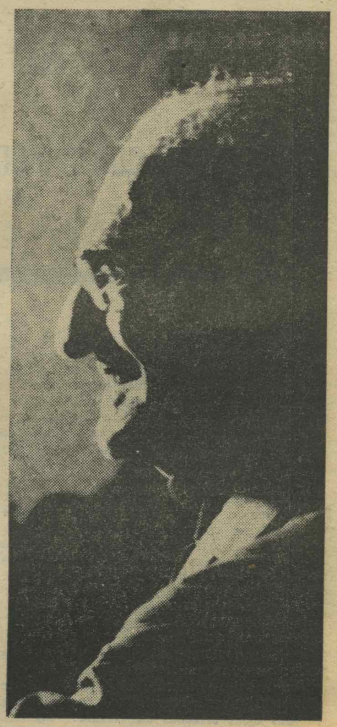
LITERATURA & ARTE

A CAPITAL
Suplemento de quarta-feira
4

ALMADA FALOU

(em 6 de Junho, em Amarante)

DE AMADEO DE SOUZA-CARDOSO



Almada Negreiros — o homem que dá bom dia a toda a gente...

por EDUARDO SOARES

O repórter estava lá... Aconteceu na tarde de 6 de Junho — em Amarante... Decorriam as tradicionais festas da hospitaleira vila em honra de S. Gonçalo, cujo programa compreendia excepcionalmente o Dia de Arte — consagrado ao encerramento das comemorações do cinquentenário da morte do pintor Amadeo de Souza-Cardoso, de berço amarantino. Mas cuja obra só tarde os seus próprios conterrâneos haviam de compreender... Confessou-o desassombradamente o presidente do Município, sr. comendador José de Abreu:

— *Se é certo que a figura artística de Amadeo permaneceu ignorada das entidades responsáveis da sua terra natal durante quase meio século — lamentável negligência da nossa geração — não é menos certo que os amarantinos desde há muito se habituaram a respeitar o mestre e a sentir pela sua memória a mais acrisolada devoção. E hoje as gentes da minha terra estão presentes com todo o calor da sua alma e o sentimento da sua veneração, a testemunhar-lhe o orgulho que a sua obra legou ao relicário artístico da cultura contemporânea. Nunca é demasiado tarde para reparar uma falta ou prestar justiça. O dia de hoje de apoteose ao mestre da arte impressionista do nosso tempo, saldará por certo, se não em realizações pelo menos em espiritualidade, a dívida que tínhamos em aberto para com o pintor Amadeo de Souza-Cardoso.*

O repórter estava lá... Aconteceu no salão nobre dos Paços do Concelho, na tarde de 6 de Junho — em Amarante.

Depois da confissão do presidente da Câmara, ouviu ainda a palavra do presidente da Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão, eng. Alvellos — a apontar uma das raras excepções, entre os tantos e tantos contemporâneos do artista que só tarde souberam compreendê-lo: José de Almada Negreiros.

— Almada foi dos poucos que soube compreender Amadeo de Souza-Cardoso na altura própria. Era Almada quem tinha razão! Os burgueses estavam enganados. E até chegaram a cuspir nos seus quadros!... Foi seu companheiro de luta na batalha futurista que então travaram. Classificou-o então de primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX. Não há em Portugal voz mais autorizada para falar de Amadeo do que a de Almada Negreiros. Por isso aqui estamos para a ouvir...

O repórter estava lá... E ouviu também José de Almada Negreiros — uma das mais singulares personalidades da vida cultural portuguesa do nosso tempo — que disse:

— Neste momento, num dos cinemas de Lisboa está a passar um filme que tem por título «Milagre de Mlão».

«Contarei simplesmente o princípio:

Aparece a fachada de um orfanato. É de manhã cedo ainda. A certa altura abrem-se uns grandes portões de ferro. Sai de lá um rapaz. Tem 15 ou 16 anos. Sai... Os portões fecham-se nas suas costas. Ele «sente» os portões fechados. Vê-se sòzinho — fora do orfanato...

E então passa uma pessoa. Ele fica muito contente por ter visto uma pessoa fora do orfanato. E diz-lhe: bom dia! A pessoa responde-lhe: bom dia! Depois vem outra pessoa. E ele diz-lhe ainda com mais alegria: bom dia!

Escuso de acabar a história. Está contada!...

AQUELE que chega pela primeira vez à vida, solto de uma iniciação — dá o bom dia a toda a gente uma por uma...

Ninguém — nem mesmo aqueles que recebem o bom dia! — percebe que é

(Continua na pág. 3)

UM ENSAIO IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DO NEO-REALISMO

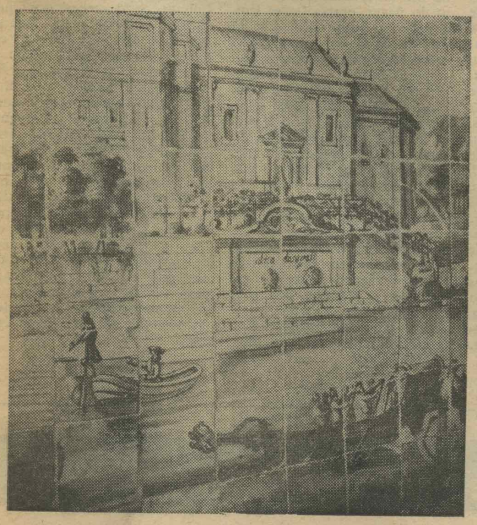
por FERNANDO MENDONÇA

Uma das peças incluídas no mais recente livro de Fernando Namora, «Um Sino na Montanha», que ultrapassa, de longe, o rótulo de crónica ou apontamento, para chegar à craveira do ensaio, é a que se intitula «Em Torno do Neo-Realismo». Este pequeno ensaio parece extremamente importante para a história do Neo-Realismo em Portugal. Além da perspectiva histórica fixada por Namora, que tem vivido o Neo-Realismo desde as primeiras páginas até às mais recentes, os juízos aí estabelecidos devem (ou deveriam) pôr um ponto final na estéril discussão que o movimento tem provocado desde o seu início. Sobretudo na discussão sobre se o Neo-Realismo já morreu ou continua vivo, e, se continua vivo, em que termos essa sobrevivência se está processando.

Como quem desejasse terminar com uma polémica ociosa, escreve Fernando Namora: «De qualquer modo, porém, o Neo-Realismo aconteceu na literatura portuguesa. Quer o achemos vivo ou morto, quer nos pareça que recorre a sucessivas cirurgias reparadoras para dissimular, em vão, as ruínas, quer denunciemos as novas crismas com que se tenta reanimar-lhe, também debalde, a sobrevivência, quer consideremos útil ou desastroso o seu advento, quer, enfim, o repudiemos ou não e justificadamente nos insurjamos contra o vício nacional de classificar obras segundo etiquetas ou segundo afinidades ideológicas abusivas — o certo é que ele está presente nas letras. Não basta o desacordo ou o repúdio para o tirar de lá» (pp. 228-9).

E para aqueles que querem minimizar a importância deste movimento, denunciando a repetição temática, a pobreza da galeria dos protagonistas e dos cenários, com afirmações que são filhas ou da falsidade ou da frivolidade, transcrevam-se também aqui as palavras de Namora: «Sob um outro prisma, o inventário das obras dos dois primeiros decénios do Neo-

(Continua na pág. 5)



AZULEJOS PORTUGUESES NA CIDADE DA BAHIA
(Ler artigo na página central)

COLABORAM NESTE NÚMERO

- ★ EDUARDO SOARES
- ★ FERNANDO MENDONÇA
- ★ ARMANDO VIEIRA SANTOS
- ★ ANÍSIO FELIX
- ★ MARIA TERESA HORTA
- ★ RUI MÁRIO GONÇALVES

20 DE AGOSTO DE 1969

ALMADA FALOU

(Continuação da pág. 1)

da vida que se trata. E da vida de toda a gente...»

Almada ajeita os óculos... Breves momentos de silêncio — perturbado apenas pelos ecos de foguetes que estralejam lá fora em honra de S. Gonçalo. Amarante vive as horas alegres das suas festas anuais...

— Em 1915, em Lisboa, o correio trouxe-me um postal. O postal dizia assim: Almada: Viva. Viva. Substantivo. Impar. Um... Assinado: Amadeo de Souza-Cardoso.

Eu não sabia ainda que no mundo havia uma pessoa chamada Amadeo de Souza-Cardoso!...

Isto deu-me uma alegria enorme: que foi um dia ter recebido as primeiras palavras do Amadeo — antes que qualquer outro mo apresentasse. E talvez por engano...

QUANDO o conheci — foi pouco tempo depois. Quando da preparação da exposição de 1916. Eu perguntei-lhe: o seu postal foi por causa do «manifesto anti-Dantas?... Ele respondeu-me: Claro! o grito estava dado...

E agora, como há aqui pessoas muito mais novas do que eu... Até pessoas que podiam ser meus netos! Eu vou contar a história do «manifesto anti-Dantas».

Porque a passagem do século XIX para o século XX não foi a passagem do dia 31 de Dezembro para o dia 1 de Janeiro... É muito mais larga!

A história do «manifesto anti-Dantas» é esta: a Imprensa da capital...

Almada mete as mãos por debaixo das abas do casaco... Puxa pela cinta das calças... Dá meia volta, e depois de olhar a mesa da presidência cujo lugar de honra é ocupado pelo dr. César Moreira Baptista, prossegue:

Imprensa da capital. Desculpem: na Imprensa da capital de Portugal — um jornal fez uma entrevista... A entrevista era dirigida a três das pessoas mais eminentes do nosso País. E a pergunta era esta: os poetas do «Orfeo» são doidos ou não?!...

Responderam três pessoas... Como eu disse — eminentes!

Não respeitarei a ordem das respostas. Mas começo precisamente... de trás para diante.

O primeiro a responder — no relato que estou fazendo — foi nem mais nem menos que o doutor... O ilustríssimo, o insigne professor Júlio de Matos. Que respondeu textualmente — isto: não são doidos nem têm nada a ver com isso!.

A seguir respondeu o senhor doutor Egas Moniz. Nosso único Prémio Nobel.

Infelizmente, esse ilustre português levou muito tempo a responder... De tal maneira que acabou por dizer: sim, sim, não, não; não, não, sim, sim, talvez, talvez...

O terceiro a responder foi o eminentíssimo... homem: Júlio Dantas! Que respondeu textualmente isto...

É médico... O doutor Júlio Dantas era médico. O que compromete ainda mais a resposta! Era médico — e era poeta! O que compromete muitíssimo mais a resposta!

— O meu médico não me permitiu que eu falasse mais de um quarto de hora. Nem de pé!

E nós vimos esses três homens ilustres de Portugal — como nós, uma nova geração na vida portuguesa... Como essa geração era recebida por aqueles que eram os eminentes da nossa terra!

Nós tínhamos 17 a 18 anos... 19 anos, 20 anos.

A resposta do senhor Júlio Dantas... Oiçam! Eu digo devagar: são doi--dos!... É de en-cer-rar!...

Claro que nós não lhe ficámos com ódio. Mas com um bocadinho de raiva ficámos...

E foi então que... No dia seguinte, quando nos encontrámos todos eu disse: esta noite escrevi isto.

Quando acabei de ler, tiraram-me logo o papel da mão. E à noite já estava impresso — em «linotype»!...

Estão a ver como fomos recebidos?!...

HOJE felizmente já não acontece isso. Simplesmente, está muito mais esclarecido o facto de nós não podermos dar o bom dia a ninguém... Porque o bom dia é um à-vontade que não se permite — ter à-vontade... A pessoa está reduzida a ir por aqui, ou por ali ou por acolá... A pessoa, esteja onde estiver não há ninguém que lhe diga bom dia. Ou que lhe receba o bom dia!

JULGAVAM que eu ia falar de pintura?!... Vou falar de pintura. E estou a falar de pintura!

A pintura não é — nem a tela nem os pincéis. Nem as cores. Nem o que se apreende. Nada disso!

A pintura é... Uma atitude de homem!...

O auditório vibra em aplausos — calorosos e demorados. Mas Almada não perde o fio à meada... E conclui:

E homem que dá espontâneamente o bom dia a outro homem que lhe corresponde!»

NÓS temos um à-vontade para fazer afirmações! Que são ditas até oficialmente!...

Nós vemos que envelheceu a Universidade!...»

Almada repete a meia-volta... De novo intencionalmente fixa o seu olhar na figura do dr. César Moreira Baptista — e em tom de esclarecimento:

«Estou a reproduzir palavras do senhor Presidente do Conselho...»

E recomeça:

NÓS estamos a ver que as Academias do século XIX apodreceram! E continuaram a viver já apodrecidas!... De que estamos à espera?... Nós não temos que receber nada lá de fora. Aquilo que seria anúncio lá de fora — já chegou!»

É altura de falar de Amadeo de Souza-Cardoso...

Amadeo de Souza-Cardoso pode nem sequer ter tido a consciência do que ele veio trazer a Portugal... Ele veio trazer aqui o chamamento que ele recebeu em Paris. Não da França. Não do mundo inteiro. Da Humanidade!»

O auditório volta a aplaudir com expressão inequívoca... Lá de fora chegam os ecos de nova girândola de foguetes em honra de S. Gonçalo...

UM aparte... O meu médico não me permitiu que eu falasse mais de um quarto de hora. Nem de pé!

Estou a desobedecer-lhe. Já se passaram vinte minutos! Com quanta pena!... Pensei muitas coisas. Que me levariam um mês a contar... E Deus queira que eu possa pelo espaço contá-las!

Portanto...»

E Almada Negreiros, visìvelmente cansado — conclui:

A impressão que me dá Amarante é isto:

Eu acho isto uma coisa única em Portugal! De gente, de orografia, de situação. E inclusive, mesmo debaixo do ponto de vista cultural, muito e muito me impressiona o que representa Amarante!

Eu vejo aqui nas Artes e nas Letras dos nomes mais ilustres que temos tido em Portugal. Estão a ouvir? E passa bastante da meia dúzia! E tudo num rincão tão pequenino!

Eu, a impressão que eu tive — o tal homem que dá o bom dia a toda a gente — foi esta:

Mas por que não fazem aqui uma coisa em comum?! Parece que as pessoas estão todas separadas umas das outras... Uma vai para um lado, outra vai para outro!...»

Nova girândola de foguetes, lá fora... Ecos, mais ecos de cantigas e tocatas... O povo comunga, coeso, no preito a S. Gonçalo!

CRIEM aqui um teatrinho. Um teatro em que vocês todos colaborem. Em que colaborem como autores, como actores, como construtores, etc...

Porque isto aqui... Porque Amarante tem todas as condições para ser um centro da cultura portuguesa!»

EDUARDO SOARES

CORREIO DAS LETRAS

★ Num recente número da revista «Literatournaia Gazeta», editada pela União dos Escritores Soviéticos, foi publicado um artigo acerca de Michel Foucault, autor de «As Palavras e as Coisas» e de «A Arqueologia do Saber». A «Literatournaia Gazeta» contesta que essa arqueologia, de que fala Foucault, seja uma noção científica. Nesse artigo são também condenados os escritores Robbe-Grillet e F. Ponge.

★ Morreu em Vence, França, onde vivia desde 1964, o escritor Witold Gombrowicz, autor dos romances «Cosmos» (publicado entre nós pela Ulisseia), «A Pornografia», «Bakakai» e «Ferdydurke». Escreveu também duas peças de teatro e duas autobiografias. Em 1967 recebeu o Prémio Internacional dos Editores.

Witold Gombrowicz tinha 65 anos: nascera em 1904, na Polónia.

★ Um grupo de jovens dramaturgos alemães fundou em Francfort uma editora em moldes de cooperativa: a «Editora dos Autores», que se dedicará apenas ao lançamento de peças de teatro. A adesão a esta espécie de cooperativa é facultada a todos os autores alemães e estrangeiros.

★ A Portugália Editora vai reeditar em breve os «Contos Exemplares», de Sophia de Mello Breyner, e a antologia «Líricas Portuguesas», III série, organizada por Jorge de Sena.

Sairá igualmente na Portugália Editora as «Líricas Portuguesas», IV série, com selecção, prefácio e notas do poeta António Ramos Rosa.

★ Saiu o n.º 10 da revista «L'Ephémère». Neste número: Antonin Artaud, René Char, Blanchot, James Joyce, etc., e desenhos de Sima, Mason, Ubac.

Edições da Fundação Maeght.

★ Manuel Puig é um jovem escritor espanhol. Traduzido e publicado agora pela Gallimard, começa a alcançar o êxito que lhe era devido.

Livro editado em França: «A Traição de Rita Hayworth».